

O vingador: o jovem como perpetrador – e vítima - da violência de periferia em Salvador, Bahia

José Eduardo Ferreira Santos

Ana Cecília de Sousa Bastos

Resumo: Baseado numa pesquisa etnográfica, esse artigo focaliza a figura do jovem que tem uma pessoa ligada à sua rede de relacionamentos assassinada. Tomando este evento como um marcador, foi possível caracterizar de que modo o objetivo de perpetrar a vingança regula a inserção do jovem em uma trajetória de marginalidade. A expressão “O Vingador” foi cunhada para nomear este personagem, indicado, simultaneamente, como perpetrador e vítima da violência. Aqui, buscamos identificar as motivações, características, desdobramentos, conseqüências e genealogia através de que emerge a figura do jovem vingador. A emergência desse personagem é discutida, ilustrando uma das possíveis trajetórias através das quais o jovem ingressa na marginalidade, como uma repercussão do homicídio perpetrado por um jovem contra outro. **Unitermos:** Trajetórias de marginalidade; Homicídio entre jovens; O vingador.

Abstract: Based on an ethnographic research, this article focuses on the young person who had a relative or friend murdered. Considering this event as a marker, it was possible to characterize how the goal of take revenge on the killer regulates the youth’s trajectory into delinquency. The term “The Avenger” was proposed to name this character, simultaneously perpetrator and victim of violence. Here, we identify the motivations, characteristics, ramifications, consequences and genealogy through which emerge “The Avenger”. The emergence of this character is discussed illustrating one of the pathways by which the youth goes into delinquency, as a repercussion of homicide perpetrated by one young person against other youths. **Keywords:** Pathways Delinquency; Homicides among Youth; The Avenger.

Introdução

Este artigo identifica a situação de jovens enquanto perpetradores e vítimas da violência na periferia da cidade de Salvador Bahia, onde aparece a figura do vingador, ou seja, um jovem que muda sua trajetória para vingar a morte do jovem amigo assassinado.

Neste sentido, procuramos descrever e analisar as características psicossociais de tal fenômeno, tomando por base o homicídio entre jovens. As reflexões aqui delineadas são construídas a partir da análise de entrevistas e grupos focais com jovens da periferia, assim como utilizamos os diários de campo e páginas de análise, procurando reconstituir as trajetórias e desdobramentos dos homicídios.

Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo foi a etnografia realizada ao longo de mais de uma década na periferia da cidade de Salvador, sistematicamente, sem perder a capacidade de estranhamento e espanto, identificando fenômenos construídos cotidianamente, assim como a capacidade de olhar, descrever e analisar o contexto e suas dinâmicas (Jacobson, 1991; Laplantine, 2000, 2005; Ghasarian, 2004; Boumard, 1999).

O corpus de análise se constituiu de um conjunto de dados que surgiram a partir de uma relação direta dos pesquisadores com a realidade contextual da juventude da periferia. Tais dados se

constituem em textos etnográficos, diários e cadernos de campo, entrevistas individuais e grupos focais sobre a violência contextual, descrição do contexto, repercussões do homicídio nas famílias e nos jovens, e, por fim, trajetórias de jovens que foram assassinados.

Procedimentos

Para encontrar os jovens em seus contextos de desenvolvimento foram utilizadas diferentes técnicas que valorizaram a escuta e a descoberta do cotidiano, dentre elas, entrevistas individuais, entrevistas grupais ou grupos focais, aqui denominadas *Pombo Sujo*, assim como a observação participante.

Nas entrevistas, constaram tópicos-guia, aplicados no primeiro momento, nos grupos focais, posteriormente adaptados nas entrevistas individuais, valorizando o espaço da interlocução com os informantes.

As entrevistas individuais foram momentos onde se identificou questões que envolvem as dinâmicas de desenvolvimento dos jovens e são utilizadas “quando o objetivo da pesquisa é para explorar em profundidade o mundo da vida do indivíduo e se refere a experiências individuais detalhadas, escolhas e biografias pessoais” (Gaskell, 2003, p. 78).

A participação dos informantes foi viabilizada mediante assinatura do termo de consentimento informado, resguardando a identidade dos participantes, dentro dos procedimentos vigentes da ética na pesquisa. O

termo descreve os objetivos, a metodologia e os procedimentos da pesquisa.

A análise dos dados foi realizada a partir da organização do material coletado, enfocando aspectos que convergem ou apontam discrepâncias sobre as dinâmicas de desenvolvimento da juventude da periferia, os processos psicossociais das repercussões do homicídio. Neste sentido, a abordagem de análise temática seguiu uma estrutura que se baseia no olhar antropológico proposta por Oliveira (2000) e Laplantine (2005), em que o trabalho está ligado ao *olhar, ouvir, escrever*, em constantes idas e vindas do registro etnográfico e da análise na elaboração do texto etnográfico (Marcus e Cushman, 2003).

A partir da constituição do *corpus* textual foi realizada a análise temática, na perspectiva proposta por Gaskell (2003, p. 84).

O vingador

Na pesquisa identificamos, diante do homicídio de jovens, a perspectiva da vingança, enquanto movimento de realizar “justiça com as próprias mãos”, para que a morte não fique impune.

Verificamos como a violência repercute na vida dos jovens sobreviventes. Ela atua com uma força muito evidente porque coloca os jovens diante de questões que são determinantes para o seu desenvolvimento. A sua ação pode provocar seqüelas e percepções que parecem, em um primeiro momento, impedir a socialização e mudanças em suas trajetórias e projetos de vida.

Analisando o caso de alguns jovens identificamos que o primeiro impacto, após a morte de um jovem da sua rede de relações ou parentesco, atua como marcador de que há riscos iminentes no contexto, que os mesmos não podem alterar e aqui a figura do vingador se estruturar.

Há no jovem sobrevivente uma sombra de vingança, que é necessária para que se restabeleça, na sua percepção, a ordem que foi quebrada, mesmo que isso implique um ciclo de mortes.

Geralmente, após o assassinato, o sentimento de revolta e inconformismo surge, pois diante do fato parece não existir explicações e aquela morte deve ser vingada.

A figura do vingador é caracteristicamente a de um jovem, do sexo masculino, que possui ou adquiriu arma de fogo e que está na faixa etária entre a primeira e a segunda década de vida, e não se conforma diante da morte de um amigo ou parente.

O fato de ser jovem e do sexo masculino tem conseqüências, pois há uma relação entre violência e masculinidade, que favorece ou mesmo estimula que os conflitos sejam resolvidos com base no uso da força bruta, com armas de fogo ou agressões físicas, que ocorrem no espaço público, conforme detalharemos mais adiante.

Diversos autores apontam essa relação. Cecchetto (2004, p.38), analisa a violência e os estilos de masculinidade, indicando, inicialmente, que “há muitos lugares-comuns tentadoramente explicativos” e que precisam ser discutidos fora de

paradigmas essencialistas, sendo o objetivo do seu estudo

(...) lançar mão de uma abordagem da violência masculina oposta à que se descreve como uma disposição natural (...). Trata-se de um estudo dos processos sociais no tempo e também da masculinidade como uma construção histórica e social. É exatamente esse o seu ponto de partida: entender a ligação entre o gênero masculino e a violência, afastando alguns argumentos que sustentam que tudo se entenderia pela pobreza (p.38).

Nolasco (2001) discute a questão da violência masculina em sociedades ocidentais e aponta que “a violência tem sido reconhecida durante muitos séculos como uma referência de masculinidade e foi usada como ferramenta por intermédio da qual o sujeito se sentia reconhecido como homem” (p.33).

Reveladora é a afirmação do autor a partir da perspectiva de que a violência tem características na sociedade contemporânea brasileira, que a aproximam da masculinidade, o que pode possibilitar o entendimento da questão envolvendo o homicídio entre jovens. O autor levanta alguns aspectos que colocam no mesmo patamar a violência e a masculinidade:

A violência tem hoje na mídia um papel de destaque. Tanto através de campanhas públicas como de diversos tipos de mobilização popular ela tornou-se um “ente” a ser exterminado. Ao analisar alguns dos dados disponíveis por fontes como IBGE, Ministério da Saúde ou da Justiça percebe-se que a violência não se restringe a uma classe social, raça ou idade. Mesmo que quantitativamente se evidencie em segmentos sociais mais desfavorecidos, a violência perpassa todos eles. Há nesses dados uma revelação interessante. São sempre os homens que definem as curvas e os registros de violência. Ao se elaborar uma tabela por sexo verifica-se que a violência não tem cor, idade ou classe social, mas tem sexo. Os homens têm uma expectativa de vida menor que as mulheres; respondem por cerca de 90% do contingente carcerário; morrem mais em acidentes de trânsito, ingestão de álcool e drogas; e cometem mais suicídios que as mulheres. (...) A violência não é um “ente”, ela é macho (NOLASCO, 2001, p.13).

Pretendemos analisar os processos sociais presentes na violência em relação aos homicídios entre jovens.

Com este fim, apontamos as características e códigos estabelecidos nos homicídios, assim como uma tipificação dos seus desdobramentos.

A contextualização desse fenômeno ocorre em um tempo específico, na década de 2000, localizado na periferia de Salvador, onde as relações têm o tráfico de drogas como pano de fundo, que tem chegado com organização e capilaridade nos últimos anos.

Não há, no entanto, o estabelecimento de uma relação causal entre violência e masculinidade, pois, segundo Cecchetto (2004, p. 38) “*A violência masculina não é um dado universal. Varia de uma sociedade para outra, de um indivíduo para o outro, como mostram as pesquisas antropológicas que abordaram a masculinidade fora de paradigmas essencialistas: há masculinidades e masculinidades*”.

Aqui a relação entre violência e masculinidade deve-se ao fato de vítimas e perpetradores serem do sexo masculino.

Os autores são concordes em considerar que os dados existentes sobre violência estão relacionados ao sexo masculino. Cecchetto (2004, p. 38), por exemplo, afirma que

Por isso é que talvez ninguém mais se surpreenda com o fato de que no Brasil e em outros países do mundo, mais de 80% dos atos

considerados violentos – traumatismos, feridas, homicídios, resultantes de intervenções exteriores e brutais, intencionais ou acidentais – atinjam indivíduos do sexo masculino. Causa ainda menos espanto que, entre os homens, sejam os jovens cada vez mais as principais vítimas e agentes da violência.

Na análise da trajetória de um jovem assassinado, seu irmão sentia-se no *dever* de vingar-lhe a morte; outro também começou a inserir-se em uma trajetória de marginalidade para vingar a morte do amigo.

Há uma impossibilidade de convivência destes jovens com o sentimento de impunidade e de injustiça, o que faz com que eles se mobilizem individualmente para ingressar nos espaços e nas redes de relações de outros jovens em trajetórias de marginalidade para assim, perpetrar a vingança.

A morte de um jovem aciona, nos outros jovens, muitos mecanismos, que vão desde a conformação e o medo até o sentimento de injustiça e a busca por vingança. Esse impacto causado modifica o cotidiano dos jovens, e pode ser visto tanto como paralisador, quanto motivador de reações pautadas pela vingança.

A tomada de decisão do jovem vem na emergência da situação e é posteriormente cultivada, pensada pacientemente, de modo que o

jovem encontre estratégias para atingir o fim que almeja. Interessante notar que o impacto provocado pela morte aciona ações *in situ*, no momento do evento, e *a posteriori*, demandando tempo e estratégias. Isso quer indicar que os jovens da periferia são afetados pelo evento crítico e têm suas trajetórias modificadas, de uma forma ou de outra, por tal acontecimento, o que indica que os danos psicossociais causados podem ser de variadas formas identificados e percebidos pelas ações posteriores que alguns jovens vão tomar no decorrer de suas vidas.

Com isso, alguns começam a mudar suas trajetórias de desenvolvimento, antes pautadas pela inserção em espaços de promoção da cultura, profissionalização e da escola, buscando outros caminhos de inserção, que possibilitassem a perpetração da vingança ao assassino do amigo.

Assim, a morte de um jovem pertencente à rede de relações de outros traz danos aos jovens sobreviventes, que podem ou não desenvolver mecanismos de atuação que vão do protagonismo ou à inserção em trajetórias de marginalidade, tudo isso com variadas gradações.

A partir desta etnografia podemos vislumbrar, por exemplo, que após morte do jovem C. (20 anos, sexo masculino) o seu primo foi se inserindo em trajetórias de marginalidade até que conseguiu vingá-lo, indicando que para atingir tal feito foi necessário tempo e uma elaboração de estratégias de aproximação de um grupo de marginais que culminou com o homicídio.

Dentre muitos, este é um caminho possível de entendimento dos mecanismos acionados pelo homicídio primeiro, que gera, a partir daí, um desencadear de ações violentas, com muitas repercussões na vida dos jovens e de suas famílias.

A figura do vingador jovem, então se estabelece a partir da emergência da violência e da sua impunidade.

O vingador se inicia com o consumo de drogas e a aquisição de novas amizades com pares e vai assimilando os modos e os costumes daquele que será o alvo de sua vingança. Se ele usa armas, o jovem também procurará possuí-las; se usar drogas, o jovem também o fará, e assim se integrará nesse contexto.

Essa assimilação é percebida com normalidade e é como uma escolha que implica riscos. Por esse motivo, há conformação aos novos modos de vida até que se chegue ao objetivo último, isto é, a vingança. Porém, quando a vingança acontece, a trajetória do jovem muda radicalmente – e para sempre, pois ele será perseguido e morto.

A força bruta na resolução de conflitos

Quando falamos de jovens inseridos em trajetórias de marginalidade, notamos que não há mais espaço, para a resolução de conflitos através de formas caracterizadas pelo diálogo.

Com o uso de armas de fogo e brancas, a resolução dos conflitos se pauta pela expiação e uso da força bruta, dentre outras formas, única saída para solucionar conflitos e dificuldades relacionais

existentes. Diante de um homicídio, a teia de outros assassinatos vai seguindo uma linha que gera outros assassinatos, que implicam sempre em danos à integridade física dos jovens.

O uso da arma de fogo na resolução dos conflitos, recurso difundido e bastante utilizado, está pautado pela intimidação dos jovens e de suas famílias.

A intimidação ocorre de várias formas, que vão desde ameaças e mostra de armas até aquelas mais veladas que são facilmente difundidas pelas pessoas da comunidade e que indicam que a família ou o jovem estão sob ameaça.

Como a *fofoca*, descrita por Elias e Scotson (2000), esse mecanismo faz com que a família e o jovem sejam pressionados e tenham que se retirar do local onde vivem, ou restringir seus espaços de atuação, com medo de serem agredidos e assassinados. Assim, a forma velada de intimidação atua sub-repticiamente, provocando medo e instabilidade.

As motivações do vingador

Muitas podem ser as motivações do vingador e fazem parte do contexto e da masculinidade.

Há mudanças culturais e sociais, que são o pano de fundo de onde surge a figura do *vingador*.

As motivações vão enraizar-se individual e subjetivamente, tornando-se de tal forma introspectivas, que se mostram imunes às interferências externas.

Há o estabelecimento de honra, sentimento de injustiça e impunidade, palavra, jura feita, ao sangue, à memória do morto, enfim, pontos emblemáticos da masculinidade, que se pautam pelo uso da força (Zaluar, 2004; Cecchetto, 2004).

Em vários exemplos da masculinidade podemos constatar situações nas quais a violência parece ser o único caminho de resolução das contendas, que ainda permanece e se atualiza no presente, de modo que os jovens para serem reconhecidos realizam tais ações que a cultura solicita.

A honra é uma característica da masculinidade que atravessa o Brasil desde a época colonial e pressupõe certa estrutura social onde o homem não pode ser desmoralizado perante os outros.

Nessa lógica a palavra e a identidade não podem ser desdenhadas.

Assim, para preservar sua identidade o homem necessita vingar-se para manter seu *status*. Essa honra permanece, no entanto, como característica arcaica que ainda se torna visível no Brasil contemporâneo, em todos os níveis sociais.

Para o vingador há uma motivação que se intensifica com a perpetração do homicídio, que é a fama decorrente do seu ato, ou seja, ele passa a ser temido e por outras pessoas, porque é identificado como destemido e consegue cumprir sua palavra.

A fama pode ser identificada com o estigma, no sentido de estabelecer algumas características identitárias que tornam o jovem

percebido como um diferente, do qual deve ser mantida certa distância, criando uma *identidade deteriorada*, segundo a expressão de Goffman (1988).

O sentimento de injustiça e impunidade são motivações por seu caráter de descrença das estruturas sociais e percepção de desalento que toma conta dos jovens.

Particularmente os jovens realizam a vingança no espaço público, com o uso de armas de fogo, de modo que não há espaço para outras perspectivas na resolução dos conflitos.

O sentimento de impunidade e de injustiça muda suas trajetórias de desenvolvimento, seguindo algumas determinações pessoais que os levam a perpetrar o homicídio.

A palavra é forte no imaginário popular porque antecipa situações e se coloca como uma espécie de explicitação da honra do jovem, que o necessita cumpri-la, geralmente dita em um momento de dor, e que para isso pode ser cultivada interiormente até que se cumpra. Neste sentido, a palavra se junta à jura feita, que é a sentença que compõe a palavra. A jura feita é uma sentença que precisa ser cumprida, porque nela está contida a honra do jovem, principalmente quando é dita no momento de do e aciona forças misteriosas que atuam sobre a pessoa que a profere como a quem foi objeto dela.

No caso do *vingador*, a palavra assume a estatura de compromisso com a memória do jovem assassinado. No caso das mães de jovens

assassinados a palavra assume a função de praga e de clamor por justiça, que será feita não pelas leis ordenadas pelo Estado de Direito, mas pela ação de outros jovens e marginais que selarão o destino daquele que tirou a vida de seu filho.

A palavra tem essa função de restaurar ou desagregar as coisas e surge como uma verdade ou uma ação que vai ocorrer mais cedo ou mais tarde.

Quando a justiça falha a palavra vem a ser a única consolação diante do desalento provocado pelo homicídio. A palavra funda a identidade, assim como a diferença, o que nos permite afirmar que de fato ela tem o poder de criar imagens e símbolos que atuam cotidianamente.

Silva (2000) aponta que a lingüística define o que é a identidade e a diferença enquanto *criaturas da linguagem*:

Dizer, por sua vez, que identidade e diferença são resultados de atos de criação lingüística significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. Isto parece uma obviedade. Mas, como tendemos a tomá-las como dadas, “fatos da vida”, com frequência esquecemos que identidade e a diferença têm que ser nomeadas. É apenas por meio de atos de fala que instituimos a identidade e a diferença como tais (pp.76-7).

O autor também aponta que a diferença e a identidade são produzidas no mundo cultural e social, pois

(...) a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e sócia. Somos nós que as fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2000, p. 76).

A jura feita preserva a honra da pessoa, mas precisa de sua concretização através do sangue do jurado¹. É importante salientar que a palavra, a jura feita, que antecipam a vingança, são expressões do desterro, pois diante dessa antecipação da morte, as pessoas são obrigadas a sair do bairro, por temer pela própria vida. Quem foi jurado de morte já sabe que se permanecer será assassinado, por isso é uma expressão do desterro, que é internalizado pela pessoa, que perde, assim, a sua estabilidade psicossocial.

Genealogia e desdobramento do homicídio entre jovens

Apresentamos aqui um exemplo da genealogia e desdobramentos do homicídio entre jovens.

¹ Marcado para morrer.

Eis a genealogia do fato: “o jovem A assassinou o jovem B enquanto se drogavam em grupo. Mas o jovem A (o assassino) teve seu primo, o jovem C, assassinado pelo irmão do jovem B, o jovem D, há cerca de um ano atrás enquanto este andava com moto por uma área da periferia. O jovem B, por sua vez, assassinou o jovem E”.

Segundo informações de jovens da área, o assassinato ocorreu enquanto um grupo de jovens estava dividindo a cocaína que iriam cheirar. Por um desentendimento, o jovem A assassinou o jovem B, com uma facada no pescoço. O motivo foi uma vingança contra o jovem C, irmão do jovem B, que havia assassinado o jovem D, primo, do jovem A.

Nessa genealogia encontramos uma seqüência de homicídios, diante dos quais vinganças são geradas, a partir das quais as repercussões são muitas, mas acentuadamente se encontra essa desestruturação das famílias e das vidas dos jovens que paulatinamente são assassinados.

As armas utilizadas são geralmente de fogo e, em um caso, aparece a arma *branca*, geralmente disponível nos espaços frequentados por esses jovens.

O difundido acesso a armas de fogo é um fato constante quando falamos do homicídio entre jovens, porque, primeiro, a arma traz certo status e, ao mesmo tempo, parece proteger os jovens, se torna um objeto de desejo diante dos pares marginais (e outras pessoas), que para consegui-las, têm que

assassinar o portador. A arma de fogo tem poder de intimidação a todos.

A cocaína surge como a droga mais acessível e presente nos espaços cotidianos, dadas as facilidades por causa da grande quantidade de traficantes na periferia, em ruas que à noite se transformam em pontos de venda, com alta rotatividade de consumidores, locais onde a entrada é permitida somente com o consentimento dos *donos* da rua, ou seja, territórios demarcados pelo tráfico.

Os desdobramentos dessa rede de violência estão indicados aqui como aqueles que vão do sentimento de vingança e intimidação da família do jovem homicida à perpetração do homicídio.

Depois do homicídio, a vida do jovem segue um *continuum* que o leva a perceber que ele está em risco, porque há uma certeza de que será o próximo a ser assassinado por seus comparsas ou pelos amigos do jovem assassinado.

O jovem assassino não conta mais com a *confiança* dos outros, que o vêem sob a perspectiva da *fama* ou estigma e sabem que ele representa um risco para todos os outros, pela sua capacidade de matar e mesmo pelo poder de fogo que dispõe.

No quadro 1 são indicados, por exemplo, a partir do homicídio a gama de conseqüências trazidas, o que mostram, enquanto problema de saúde pública, fato preocupante porque a violência está atuando com sistematicidade cotidiana, afetando, sobretudo, a vida dos jovens, de suas famílias e do bairro.

Quadro 1: Genealogia e desdobramento dos homicídios

	Jovem A	Jovem B	Jovem C	Jovem D	Jovem E
	Capoeirista	Traficante	Trabalhador possuía uma moto.	Consumidor de drogas	
Homicídio	Assassino do jovem B. Primo do jovem C, assassinado pelo jovem D, irmão do Jovem B.	Assassinado pelo jovem A; Assassino do jovem E.	Primo do jovem A, assassinado pelo jovem D.	Assassino do jovem C.	Assassinado pelo jovem B.
Motivo do homicídio	Vingança.	Assassinou o jovem E, para tomar a arma e a área do tráfico.	Estava na área do jovem D.com uma moto.		Armas e área do tráfico.
Idade:	23	22		25	19
Lugar ocupado na rede de relações	Amigo dos jovens B, C e D.	Amigo dos jovens A e E; irmão do jovem D.	Primo do jovem A	Irmão do jovem B.	Amigo do jovem B.
Arma utilizada:	Faca.	Possuía arma de fogo	Possuía arma de fogo	Possuía arma de fogo	Possuía arma de fogo
Drogas utilizadas:	Cocaína	Cocaína	Cocaína	Cocaína	Cocaína
Desdobramento do homicídio	Perpetração do Assassinato e fuga (desterro)	Assassinado, morte.	Assassinado, morte.	Intimidação dos familiares do assassino do jovem B. Vingança.	Assassinado, morte.

Nota: Para efeito de melhor visualização e síntese as colunas em negrito indicam três jovens que foram assassinados e compõem, assim, certa estruturação dos desdobramentos que essas mortes tiveram particularmente as vinganças às quais elas estão relacionadas, o que mostra a dinâmica e a continuidade da violência. Os quadros em branco mostram os jovens que continuam vivos e são os “vingadores”. O Jovem A, que conseguiu assassinar o jovem B para atingir o jovem D, que agora procura vingar a morte de seu irmão, o Jovem B.

O desterro

Em nossos estudos temos percebido que a repercussão do homicídio entre jovens recai sobre a família, que tem que sair do bairro, por não poder mais conviver com a perda dos filhos (Santos 2005a; Santos e Bastos, 2005; Santos, 2007).

O desterro é a explicitação de um fenômeno que vem se repetindo em uma continuidade de violência que vai se tornando corriqueira na periferia e afeta a vida dos jovens, de suas famílias e de outras pessoas da área, que começam a perder os referenciais de vizinhança.

A saída da família dá-se de forma abrupta, na qual as pessoas mantinham vínculos de vizinhança por décadas. Isso revela a perda de referenciais, provocando rupturas.

E assim o desterro ocorre mais uma vez: retirando pessoas do lugar, provocando silêncios, alternando sensações de insegurança e medo, mostrando que, mesmo a família não tendo nenhum envolvimento com essa situação provocada pelo filho, é afetada e precisa retirar-se do local onde habita devido ao risco de morte.

O jovem perpetrador da violência na periferia

O jovem assume o papel de perpetrador da violência quando se sente ameaçado por outras pessoas que podem assassiná-lo ou denunciar suas práticas ilícitas.

Quando isso ocorre, eles praticam o homicídio, o que indica que o crime tem o objetivo

de *queima de arquivo*², ou seja, típica prática de eliminar o outro, sem chances de sobrevivência que ocorre quando os jovens não praticam o latrocínio e têm por objetivo o extermínio de pessoas que representem algum risco às suas atividades ilícitas.

Os grupos de extermínio utilizam a mesma prática, sendo que fazem em locais fora da área onde habita o jovem. Neste caso, nenhuma das pessoas que presenciaram o crime fala sobre o ocorrido, instalando-se a lei do silêncio, que é um acordo velado que indica que o medo sobrepõe-se à denúncia, pois quem denunciar ou comentar o que viu pode tornar-se vítima (Correio da Bahia, 2007).

Referências bibliográficas

BOUMARD, P. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. **PSI – Revista de Psicologia Social e Institucional**. Vol. 1. N. 2, Nov/1999. Disponível em <http://www2.ccb/psicologia/revista/texto1v1n22.htm>.

Acessado em 26 de setembro de 2008.

CASCUDO, C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10ª edição. São Paulo: Global, 2001.

CECCHETTO, F. R. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CORREIO DA BAHIA. Bandidos matam aposentado acusado de ser 'X-9'. Sábado, 09 de junho, Salvador, Bahia, 2007.

² Significa assassinar alguém que sabe demais.

CRUZ NETO, O. **Nem soldados nem inocentes:** juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

CRUZ NETO, O; MINAYO, M. C. de S. **Extermínio:** violência e banalização da vida. Cad. Saúde Pública v.10 supl.1, Rio de Janeiro, 1994 (pp. 199-212).

DIMENSTEIN, M. **Adolescência e juventude:** bases de apoio familiares e comunitárias como estratégia de enfrentamento à violência. Fundació Cátedra Iberoamericana: UFRN, Natal, RN, 2006. Disponível em http://www.uib.es/catedra_iberamericana. Acessado em 20/01/2007.

ELIAS, N, SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. 5ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000. (Cap. Observações sobre a fofoca, pp.121-133).

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In. M.W. Bauer; G. Gaskell (editors), **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GHASARIAN, C. Sur lês chemins de l'ethnographie réflexive. C. Ghasarian, (dir.) **De l'ethnographie à l'anthropologie réflexive.** Paris: Armand Colin, 2004.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. LTC, Rio de Janeiro, 1988, 4ª edição (publicado originalmente em 1963).

JACOBSON, D. **Reading Ethnography**. Albany: State University of New York Press, 1991.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. Trad. Marie-Agnes Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. **A descrição etnográfica**. Paris: Armand Collin, 2005.

KODATO, S.; SILVA, A. P. S. Homicídio entre adolescentes: refletindo sobre alguns fatores associados. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 13 (3), pp. 507-515, 2000.

MARCUS, G. E; CUSHMAN, D. E. Las etnografias como textos. In: C. REYNOSO (Ed). **El surgimiento de la antropologia posmoderna**. Barcelona: Gedisa, 2003, pp. 171-213.

NOLASCO, S. De **Tarzan a Homer Simpson**: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

OLIVEIRA, R.C. **O trabalho do antropólogo**. 2ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SANTOS, J.E.F. **Travessias: a adolescência em Novos Alagados**: trajetórias pessoais e estruturas de oportunidade em um contexto de risco psicossocial. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005a.

_____. Homicídio entre jovens de uma periferia de Salvador, Bahia: um relato de experiência sobre a violência e o desenvolvimento humano. **Revista brasileira de. Crescimento e desenvolvimento humano**, dez. 2007, vol.17, n.3, p.72-83.

_____; BASTOS, A.C.S. Pertencimento e “desterro” na trajetória de adolescentes da favela de Novos Alagados, Salvador, Bahia. In: L.R.D. Castro; J. Correia, (Orgs.). **Juventude contemporânea: perspectivas internacionais** Rio de Janeiro: NAU Editora/ FAPERJ, 2005, (pp.253-277).

SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In: T.T. Silva, (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, (pp. 73-102).

SOUZA, M. R. de. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**. 10 (1): 59-70, 2005.

ZALUAR, A. A. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.